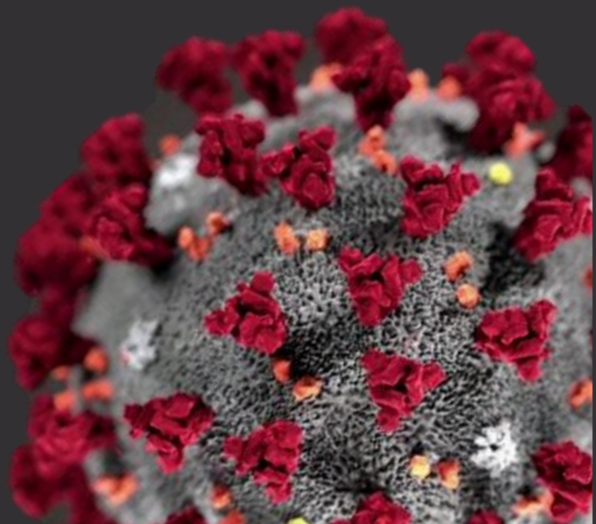


Painel de Monitoramento

Impactos da Covid-19 no mercado de trabalho de Minas Gerais



O Painel de Monitoramento do Mercado de Trabalho é uma produção da Secretaria de Desenvolvimento Social – Sedese, por meio da Subsecretaria de Trabalho e Emprego – Subte, que tem por objetivo acompanhar e atualizar as principais repercussões da pandemia de Covid-19 sobre o mercado de trabalho no estado de Minas Gerais. Nesta edição você confere:

- Requisições de Seguro Desemprego;
- Estatísticas do Sine em Minas Gerais;
- Profissões com redução salarial em 2020;
- Contratação de temporários para o Natal;
- Inadimplência em Belo Horizonte;
- IAEmp e ICD: resultados de outubro;
- Redes sociais e influenciadores na pandemia.

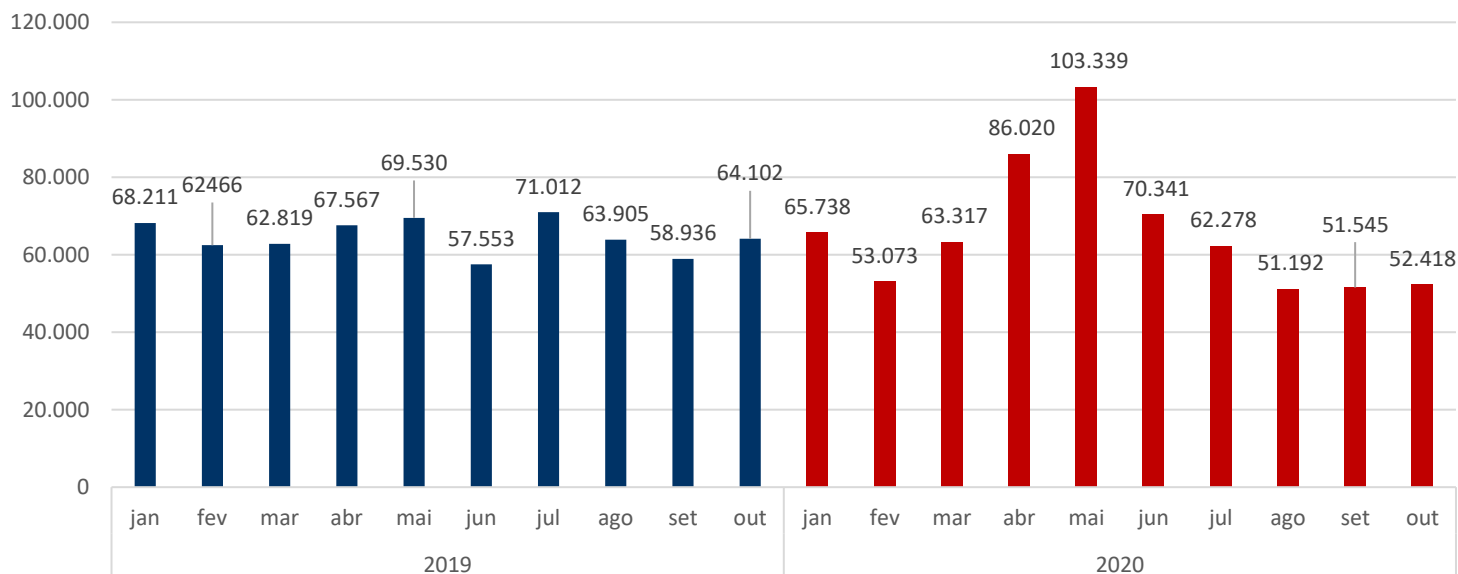
SEGURO DESEMPREGO

Minas Gerais registra 52.418 requisições do benefício em outubro, alta de 1,6% em relação a setembro

Com o cenário de instabilidade econômica e fechamento de postos de trabalho no Estado de Minas Gerais, a evolução do número de solicitações do Seguro Desemprego se torna um importante indicador para dimensionar os impactos da Covid-19 sobre o mercado de trabalho formal. Segundo dados do Ministério da Economia, o número de requisições do Seguro Desemprego em Minas no mês de outubro, foi de 52.418 benefícios, um aumento de 1,6% em relação a setembro. Apesar da pequena alta cotado ao mês anterior, outubro de 2020 apresentou números melhores do que aqueles verificados em 2019, cerca de 11 mil benefícios a menos, ou seja, queda de 18,2%.

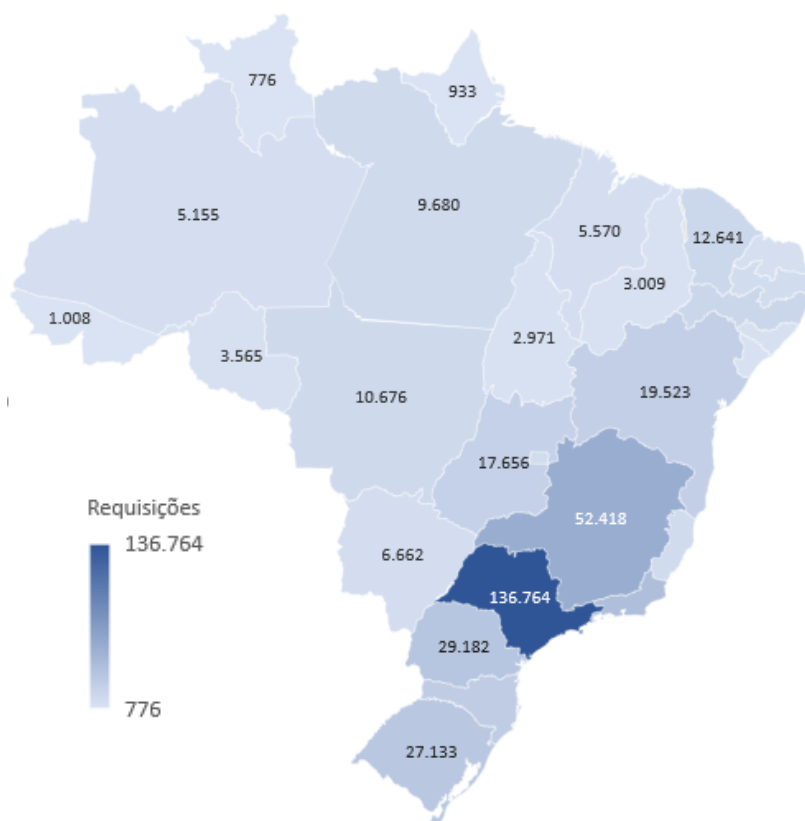
Se analisado com base em uma desagregação econômica, é notório que o segmento de Serviços foi o maior demandante do benefício, correspondendo a 35,6% do total de Seguros Desemprego requeridos. Na sequência aparecem o Comércio e a Indústria, com participação de 26% e 15,8%, respectivamente. Nas últimas posições, com menor representatividade percentual, aparecem a Construção (13,2%) e a Agropecuária (9,2%), o que reproduz um padrão observado em 2019 e, ao mesmo tempo, evidencia que esses dois setores econômicos foram menos impactados pela pandemia. Além disso, cabe evidenciar que predominam nesses segmentos vínculos de trabalho informais que, portanto, não garantem a segurança do auxílio desemprego em caso de demissão sem justa causa.

Requisições do Seguro-Desemprego - Minas Gerais



Fonte: Ministério da Economia ([Coordenação-Geral de Gestão de Benefícios](#))

Requisições do Seguro Desemprego no Brasil



No Brasil, foram registradas 460.701 requisições do Seguro-Desemprego durante todo o mês de outubro - queda de 1,1% em relação a setembro, ou seja, 5.563 benefícios a menos que o mês anterior. Minas Gerais é a segunda unidade da federação com maior representatividade nesse número, ficando atrás apenas do estado de São Paulo, que demandou mais de 136 mil benefícios em outubro. Nesse cenário, os gastos com o Seguro-Desemprego, pagos em todo o país, custaram mais de R\$ 2,97 bilhões aos cofres públicos da União, sendo que, deste valor, quase R\$ 313 milhões foram gastos apenas no Estado de Minas Gerais.

Além disso, é possível identificar que, do ponto de vista social, os requerentes do benefício são, majoritariamente, homens com idade entre 30 e 39 anos e ensino médio completo, o que evidencia a insegurança laboral que perpassa vínculos com trabalhadores nesse perfil.

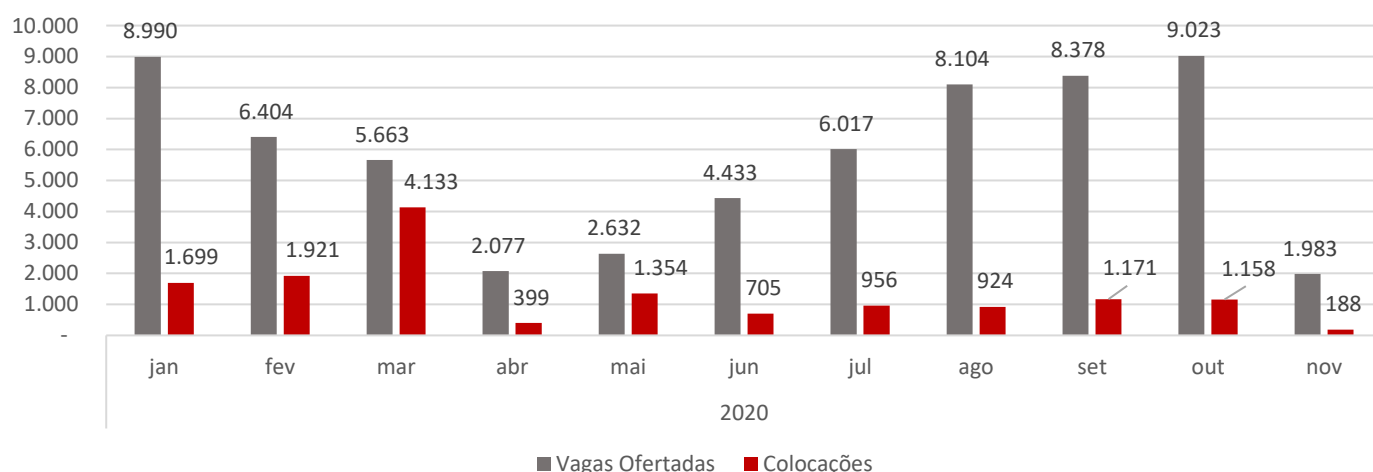
ESTATÍSTICAS DO SINE

Postos de atendimento retomam serviços presenciais

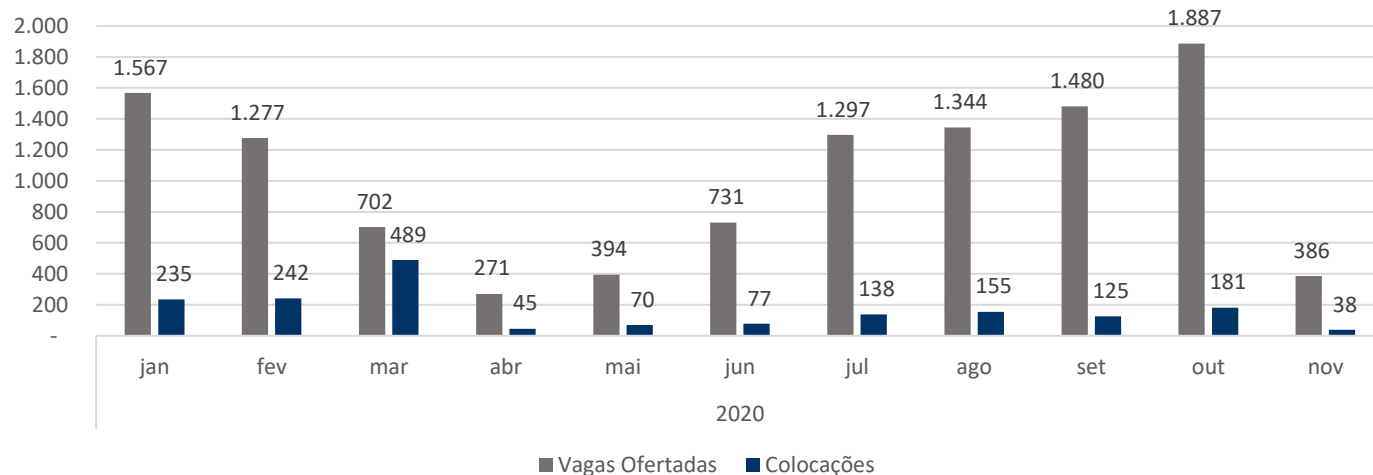
As unidades do Sine em Minas Gerais registraram 813.556 atendimentos entre janeiro e novembro de 2020 (até o dia 10/11), nos diferentes serviços ofertados pela rede, como habilitação do Seguro-Desemprego e Intermediação de Mão de Obra, que contempla encaminhamento para vagas de emprego, captação de vagas e colocação de trabalhadores no mercado de trabalho.

A interrupção dos atendimentos presenciais nas unidades do Sine a partir do dia 23 de março implicou na diminuição dos resultados e suscitou a demanda, por parte do trabalhador, para que os serviços fossem retomados. Por isso, diante das medidas de flexibilização do isolamento social que entraram em vigor a partir do mês de julho, algumas unidades retomaram o acolhimento presencial mediante agendamento prévio, o que justifica o aumento no número de vagas ofertadas e colocações. Os gráficos abaixo detalham essa realidade no Estado de Minas Gerais e na Região Metropolitana de Belo Horizonte:

Intermediação de Mão de Obra - Minas Gerais



Intermediação de Mão de Obra - RMBH



PROFISSÕES COM REDUÇÃO SALARIAL

A maior queda salarial foi entre fotógrafos, com redução de 8,74%, mas segmentos do varejo também foram impactados

Com a chegada da pandemia do coronavírus ao mercado de trabalho brasileiro, além do aumento no número de profissionais demitidos e das mudanças nas relações de trabalho, o rendimento salarial de algumas profissões também foi impactado pela crise. Um levantamento divulgado pelo Banco Nacional de Empregos (BNE) aponta as dez principais profissões que passaram por uma variação salarial negativa, ou seja, que tiveram queda na remuneração ofertada, sendo que, de acordo com o estudo, muitas dessas profissões estão diretamente ligadas ao varejo.

Para Marcelo de Abreu e Silva, CEO do BNE, da mesma forma que algumas profissões foram consideradas essenciais ao longo da pandemia, outras ficaram comprometidas por conta do isolamento social, imposto para conter a disseminação da Covid-19. "Algumas profissões sofreram reduções de salários e ofertas durante a pandemia, mas em compensação, na área de saúde e tecnologia, houve um aumento da demanda e, inclusive, da oferta de melhores salários", explica.

Profissões com maior redução salarial durante a pandemia de Covid-19



Fotógrafo (-8,74%)
Panfleteiro (-6,14%)
Floricultor (-5,98%)
Babá (-4,95%)
Operador de Xerox (-4,26%)
Comissário de voo (-4,06)
Taxista (-3,76%)
Auxiliar de Cinema (-2,61%)

Fonte: Elaboração própria. Dados do Banco Nacional de Empregos (BNE)

Além disso, é válido evidenciar que, no caso de trabalhadores formais que sofreram a suspensão de seus contratos de trabalho, o abono natalino, assim como a remuneração mensal, também será impactado. Isso porque, com a suspensão do contrato, o empregador não é obrigado a pagar os salários e, conseqüentemente, isso acaba se estendendo para o benefício - que é calculado com base no tempo de serviço.

REFLEXO DA PANDEMIA

Queda na contratação de temporários no comércio natalino

Em 2020, a contratação de funcionários temporários no setor de comércio e serviços para o Natal deve ser menor que em 2019. Reflexo do aumento do desemprego, fechamento temporário de lojas e redução na renda das famílias, que diminuem a expectativa dos empresários para a melhor data do ano para o segmento de varejo. A Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) estima que sejam contratados 8,33 mil funcionários temporários em Minas Gerais, número aproximadamente 20% menor que o registrado no mesmo período do ano passado (10 mil).

Já segundo a Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de Minas Gerais (Fecomércio MG), 11,4% dos empresários mineiros pretendem fazer contratações de temporários, contra 16,4% no ano passado. Os segmentos que mais devem ofertar vagas temporárias neste fim de ano são os de tecido, vestuário e calçados (24,5%), materiais de construção (18,2%) e livros, jornais, revistas e papelaria (11,1%).

"Isso é reflexo dos impactos da pandemia. Os empresários não estão vendo grandes oportunidades de aumento de vendas, como sempre ocorre no final do ano. Está todo mundo mais cauteloso", comenta a economista da Fecomércio MG, Bárbara Guimarães.

Na capital mineira, a intenção de contratação de temporários caiu 34,3% neste ano em relação a 2019, conforme apuração da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL-BH) e apenas 18% dos empresários deve oferecer vagas temporárias para o Natal. Como avalia a coordenadora do setor de economia e pesquisa da CDL-BH, Ana Paula Bastos, para boa parte dos empresários o atual quadro de funcionários é suficiente para atender à demanda esperada no fim do ano. "O terceiro trimestre vai ser mais aquecido, tem entrada extra de capital na economia, com 13º salário e recursos do FGTS e Black Friday, mas ninguém está esperando que seja um Natal de desempenho alto a ponto de recuperar as perdas deste ano", diz.

Outro levantamento feito com os lojistas de Belo Horizonte aponta resultados ainda piores. Segundo o Sindicato do Comércio Lojista de Belo Horizonte (Sindilojas BH), a previsão é de que sejam abertas 3.000 vagas temporárias para o setor de comércio, número 40% menor que o registrado no ano passado (5.000 vagas). "Muitos lojistas reduziram o quadro de funcionários na pandemia, então talvez alguns prefiram efetivar novamente os funcionários que foram dispensados. E também não tem tanta demanda. Todo o comércio da cidade, seja de rua ou shopping, ainda está desaquecido, as vendas estão cerca de 70% a 75% do valor normal mensal", afirma o presidente do sindicato, Nadim Donato.

Por outro lado, enquanto a expectativa é de queda na contratação de temporários no setor de comércio e serviço em todo país, na indústria, a previsão é de aumento do número de oportunidades. Segundo levantamento da Associação Brasileira do Trabalho Temporário

(Asserttem), o número de contratações deve crescer 12% no segundo semestre deste ano, na comparação com o mesmo período de 2019. São 900 mil vagas temporárias previstas, 100 mil a mais que no ano passado. O crescimento esperado foi impulsionado, principalmente, pelo desempenho das indústrias. Em Minas Gerais, o cenário se repete, onde três segmentos de atividade industrial devem ter destaque no que diz respeito à oferta de trabalho temporário: mineração, automobilismo e agronegócio.

"Normalmente, no último trimestre do ano, os destaques sempre são mais voltados para o comércio, mas, neste ano, estamos vivendo uma situação atípica. No início da pandemia, as indústrias em geral tiveram que reduzir muito seus quadros de funcionários, a reação imediata foi a demissão em massa. Agora que a economia tem se recuperado de maneira mais consistente, as empresas ainda estão com um contingente pequeno", afirma o diretor regional da associação, Glaucus Botinha.

Reportagem publicada no portal O Tempo

ENDIVIDAMENTO DAS FAMÍLIAS

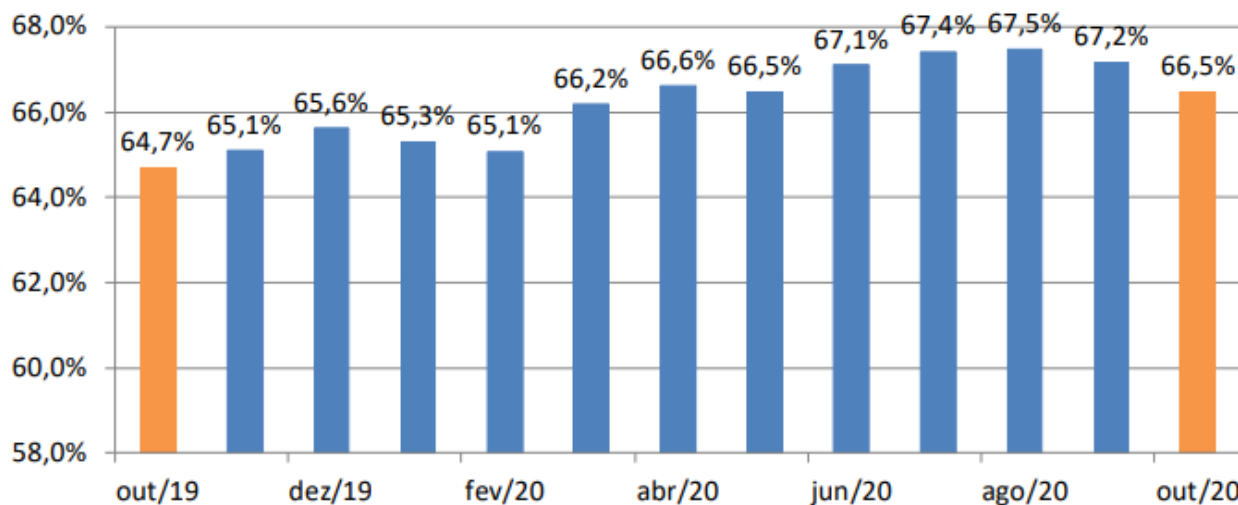
Em Belo Horizonte, 70% das famílias estão endividadas

Honar o pagamento de dívidas durante a pandemia não tem sido tarefa fácil para muitas famílias brasileiras, sobretudo pela diminuição da renda do trabalho e redução de 50% no valor do auxílio emergencial pago pelo governo federal. Resultados recentes da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic), da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), mostram que em outubro, 15,8% das famílias belo-horizontinas não tinham condições de honrar seus compromissos financeiros, percentual superior à média nacional, que ficou em 11,9%. Já o percentual de famílias com contas em atraso na capital mineira em outubro foi de 32,8%, contra 26,1% no Brasil.

Por outro lado, o endividamento das famílias belo-horizontinas recuou na comparação com o ano anterior. Enquanto 70,3% possuíam dívidas em outubro de 2020, no mesmo mês de 2019, 76,6% das famílias encontravam-se nessa situação. É importante lembrar que, em julho deste ano, o percentual de famílias endividadas na capital mineira chegou a 81,2%, após alta histórica do indicador, que vem caindo progressivamente desde então. Apesar disso, dado o contexto de incerteza dos mercados em 2021, é importante manter o controle dos gastos, sobretudo no período de fim de ano, época que concentra grandes temporadas de promoções, como Black Friday e Natal.

"Estamos em um momento de endividamento alto e menor renda, seja no salário ou pelo auxílio emergencial reduzido. As famílias precisam pensar bem nas decisões de consumo agora, porque este é um momento em que as promoções nos atraem", alerta a Economista da CNC, Izis Ferreira.

Percentual de Famílias Endividadas (Média Nacional)



Fonte: CNC. Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic)

RETOMADA DO MERCADO DE TRABALHO

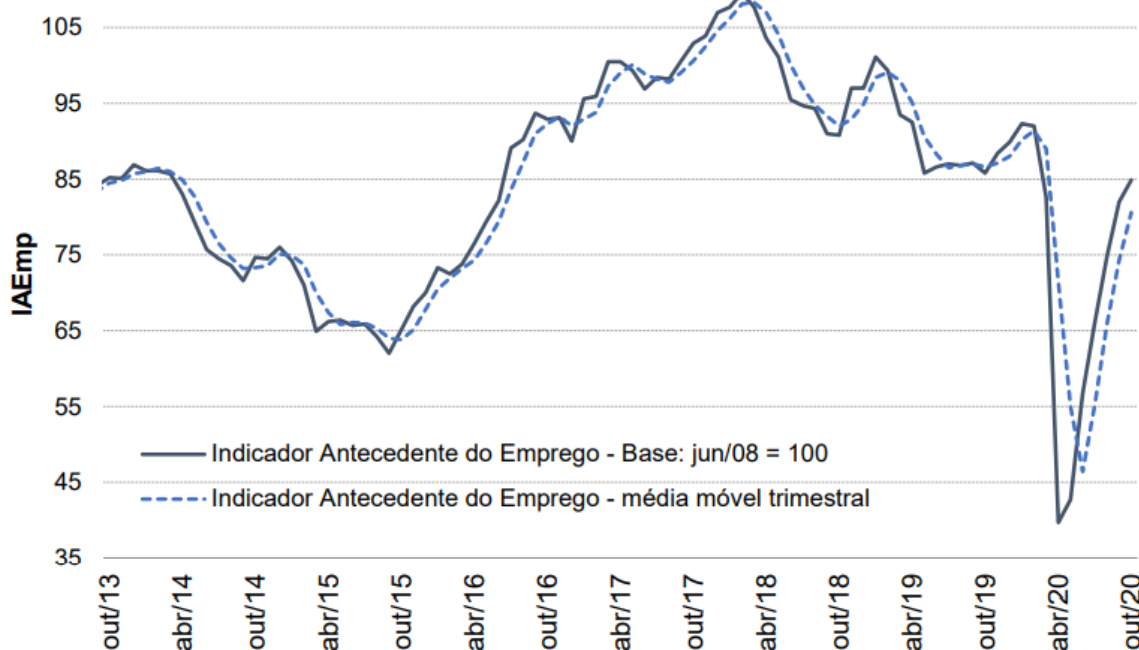
IAEmp cresce pela sexta vez consecutiva, mas perde aceleração

O Indicador Antecedente de Emprego (IAEmp), da Fundação Getúlio Vargas, subiu 2,9 pontos em outubro em relação a setembro e chegou a 84,9 pontos - esta é a sexta alta consecutiva do indicador. Apesar disso, o resultado também apresentou desaceleração na recuperação na comparação com os meses anteriores.

“O resultado de outubro confirma o cenário de recuperação do mercado de trabalho. Apesar da sexta alta seguida, a melhora tem sido mais tímida com o passar dos meses e o nível atual ainda se encontra consideravelmente abaixo do período pré-pandemia. A incerteza, que ainda se mantém elevada, e a proximidade do período final de ajuda do governo, parecem contribuir para uma maior cautela dos empresários”, afirma Rodolpho Tobler, economista da FGV Ibre.

O IAEmp é construído a partir de uma combinação de séries extraídas das Sondagens da Indústria, de Serviços e do Consumidor, tendo capacidade de antecipar os rumos do mercado de trabalho no país. Já o Indicador Coincidente de Desemprego (ICD), que capta a percepção das famílias sobre o mercado de trabalho, se manteve estável em outubro, é o segundo mês consecutivo de estabilidade, permanecendo em 96,4 pontos. O ICD é um indicador com sinal similar ao da taxa de desemprego, isto é, quanto menor a pontuação, melhor o resultado. “A estabilidade do indicador mostra que a percepção sobre o mercado de trabalho ainda é negativa e sugere piora na taxa de desemprego. O alto patamar também mostra que ainda existe uma longa caminhada para voltar ao nível anterior à pandemia”, avalia Tobler.

Indicador Antecedente de Emprego



Fonte: FGV/Ibre. Indicador Antecedente de Emprego (IAEmp).

Alguns resultados dos dois indicadores também foram destacados pela FGV. Dentre os quatro componentes do IAEmp, o grande destaque foi o Indicador da Indústria de Situação Atual de Negócios, que saltou de 18,5 pontos em setembro para surpreendentes 139,1 pontos em outubro. Quanto ao ICD, a FGV destaca uma piora na percepção do mercado de trabalho entre as famílias com renda mensal de R\$ 4,8 mil a R\$ 9,6 mil, crescendo 1,8 ponto percentual. Já para as famílias com renda mensal até R\$ 2,1 mil, o indicador captou melhora na percepção, após queda de 1,2 ponto.

INFLUENCIADORES DIGITAIS

Redes Sociais e influenciadores crescem na pandemia

A crise decorrente da pandemia do coronavírus trouxe significativas transformações para a economia mundial e para a maneira como as pessoas se comportam on-line. Mais de 2 milhões de pessoas aderiram ao distanciamento social no mundo inteiro, situação atípica que não deve ser confundida com isolamento, já que as redes sociais e a internet têm conectado pessoas e expandido uma promissora oportunidade de geração de renda. Uma das expectativas é que criadores de conteúdo saibam utilizar o espaço para entreter, mas ao mesmo tempo conscientizar o público, consolidando a imagem durante o período de isolamento, quando o acesso às redes cresce exponencialmente.

Um estudo realizado pela Spark, durante o mês de março, apontou que influenciadores que publicaram sobre o coronavírus tiveram uma taxa de engajamento média aumentada em 1,2 vezes em relação às suas publicações tradicionais. Durante o pico da crise mundial, Facebook, Instagram e WhatsApp tiveram um crescimento de cerca de 40% no período, apontam dados de março divulgados pela Kantar. Outra empresa do ramo, Squid, especializada em marketing de influência, também apontou números positivos para o período de isolamento social: em comparação com o mesmo período no ano passado, houve um aumento de 24% na taxa de engajamento e 27% no alcance efetivo da ferramenta de ‘Stories’ do Instagram.

Além do aumento geral no uso dos aplicativos, uma ferramenta se destaca: as lives do Instagram cresceram 70% no mesmo mês. Atualmente, artistas brasileiros se apresentam diariamente na web com patrocínio de marcas de cerveja, usando álcool em gel e reforçando a mensagem para que todos fiquem em casa. Além disso, cresceu a oferta de aulas de culinária, idioma, dança, treinos e até mesmo a recriação de formatos da televisão para a telinha do celular.

O Instagram foi o primeiro a lançar um “selo” com os dizeres “Fique em casa” e um recurso chamado co-watching, que permite mostrar imagens para um amigo durante uma videochamada feita no app como alternativa das redes para amenizar o distanciamento social. Também merece destaque o TikTok, novo fenômeno entre os jovens, que se tornou o segundo aplicativo mais baixado na internet, ultrapassando 1 bilhão de downloads apenas no Android. Até mesmo o Snapchat, que perdeu espaço para os concorrentes diretos, apresentou crescimento no período de quarentena. São 20% a mais de usuários, chegando a 230 milhões de pessoas apenas no primeiro trimestre de 2020 – cerca de 39 milhões de novos usuários ativos por dia.

Números da Internet durante pandemia



Durante o pico da crise mundial, Facebook, Instagram e WhatsApp tiveram um crescimento de cerca de 40%

- Crescimento de 70% nas lives do Instagram
- Aumento de 24% no engajamento do marketing de influência
- Alta de 27% no alcance dos stories